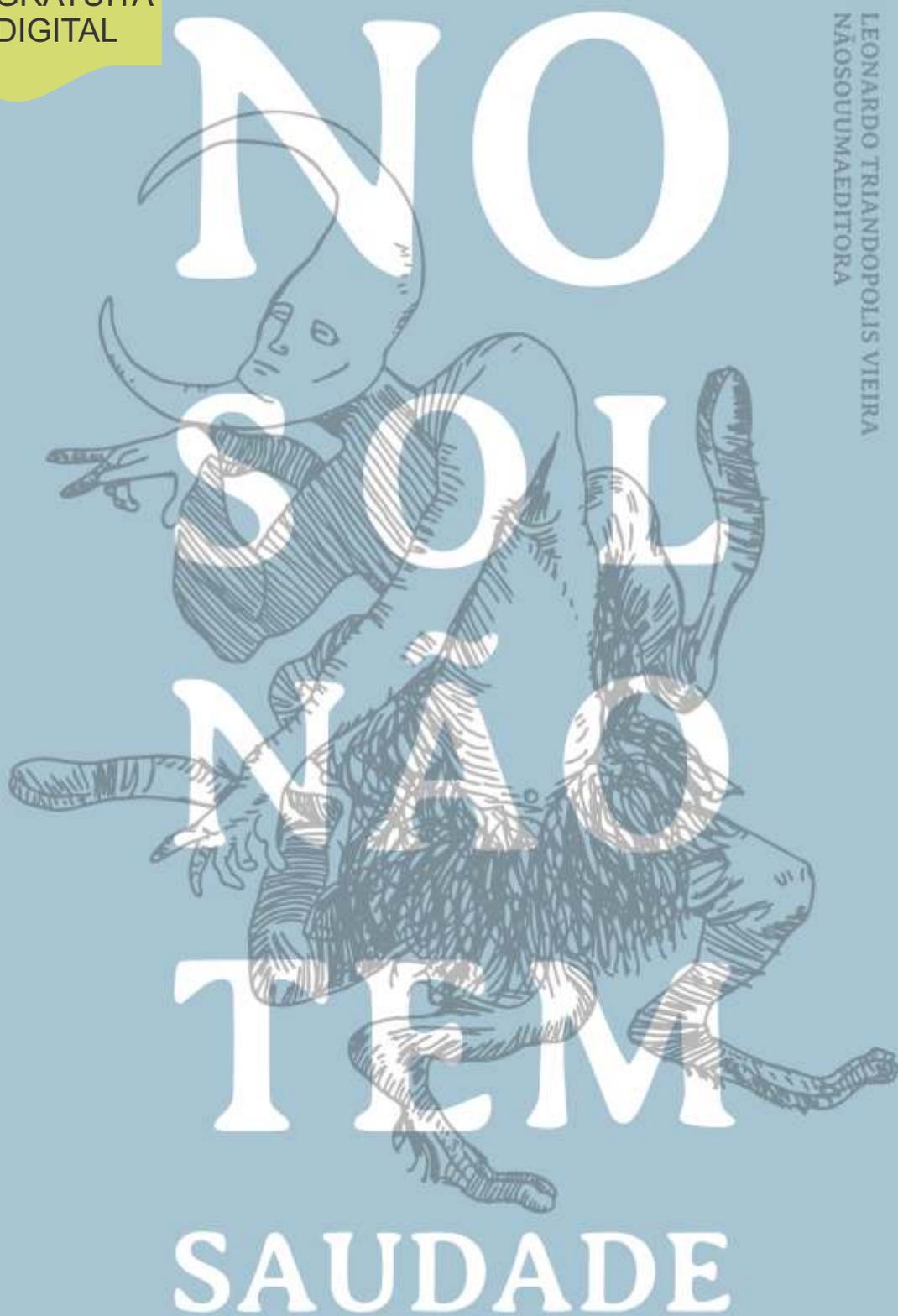


EDIÇÃO
GRATUITA
DIGITAL

LEONARDO TRIANDOPOLIS VIEIRA
NÃO SOU MA EDITORA



ATENÇÃO!

Você está lendo **uma versão gratuita** deste livro, em formato PDF, disponibilizada pelo próprio autor. Mesmo sendo oferecida sem custo, **esta obra continua protegida pela Lei de Direitos Autorais (Lei nº 9.610/1998, vigente no Brasil)**. Isso significa que **qualquer reprodução, distribuição ou uso comercial não autorizado é proibido por lei**. Este livro foi escrito com muita dedicação e oferecido gratuitamente como uma forma de ampliar o acesso à literatura. Se você gostar da leitura, **considere apoiar o trabalho do autor adquirindo a versão impressa ou fazendo uma doação de qualquer valor via Pix.**

A sua contribuição ajuda a manter vivo o trabalho de escritores independentes.

Boa leitura!



UTILIZE O CÓDIGO QR
PARA FAZER UMA DOAÇÃO
VIA PIX

**NO
SOL
NÃO
TEM
SAUDADE**

NÃOSOUUMAEDITORA

NO

SOL

NÃO

TEM

SAUDADE

LEONA

RDOTR

IANDO

POLIS

VIEIRA

**ROMANCE
DESMONTÁVEL**

Quando dei por mim, este livro estava disposto como um corpo em fragmentos: um romance desmontável. Cada parte mantendo sua independência, ao mesmo tempo em que pode vir a dialogar com as outras, produzindo uma estrutura flexível, que pode ser desmontada e remontada sem prejuízo da experiência de leitura. Assim, este trabalho se apresenta como um romance em que os capítulos não seguem uma ordem obrigatória, permitindo que o leitor os percorra livremente, seguindo sua própria curiosidade e intuição.

Essa forma de organização tem um precedente em obras como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, na qual os capítulos, embora interligados, possuem uma autonomia que permite leituras isoladas. Inclu-

sive, esse termo romance desmontável tomei a partir de Rubem Braga, quem primeiro o empregou.

No caso deste livro, a independência não foi planejada, mas, sim, articulada, partindo de uma contranarrativa sem a necessidade de um caminho fixo. Isso não significa ausência de coerência, mas sim um convite a uma experiência em que cada leitura pode ser única.

Não há um enredo linear a ser seguido, nem uma progressão tradicional de acontecimentos. Aqui, cada capítulo se sustenta por si só, oferecendo recortes de histórias, personagens e situações que se entrelaçam de maneira a construir a todo instante possíveis territórios e ganchos. Alguns elementos reaparecem, outros permanecem isolados, compondo uma espécie de mosaico onde cada peça tem sua função, mas sem uma hierarquia imposta. Uma literatura em busca de uma anarquia semântica, radicalizada no próprio texto.

A fragmentação anárquica não significa desordem; representa uma outra maneira de estruturar o romance. O leitor pode escolher acompanhar as repetições, os ecos entre os capítulos, ou pode se deter em um único episódio e deixar que ele se encer-

re em si mesmo. Essa experiência de leitura aberta, sem caminhos predeterminados, busca explorar a potência de cada instante narrativo, permitindo que as conexões se formem de maneira fluida e orgânica.

A ideia é que histórias não precisam sempre de desfechos, algo que aprendi lendo Rubem Fonseca. Elas se desdobram conforme quem as lê, conforme o momento em que são lidas. Cada capítulo pode ser um ponto de partida ou de chegada. Em um livro como este, o leitor tem um papel ativo, decidindo como percorrer suas páginas, escolhendo os elos que pretende estabelecer entre as partes.

Uma construção que acontece por aproximações, compondo um conjunto de textos que podem funcionar separadamente, mas que, reunidos, enunciam novas possibilidades de significados e significações. Alguns temas retornam, personagens aparecem em diferentes situações, porém não há uma exigência de continuidade no sentido tradicional. Essa liberdade, tanto na composição quanto na leitura, é parte essencial do que eu, enquanto escritor e ser humano, proponho ser.

Crie sua própria trajetória.

Cada capítulo como uma experiência de fôlego.

A leitura pode seguir qualquer ordem e, ainda assim, preservar a intensidade do que foi contado.

Mais do que um romance, uma possibilidade de descoberta de sentidos que emergem a partir da interação entre leitor, o autor quase-objeto e o livro-objeto.

Uma subjetivação do objetivo.

Leonardo Triandopolis Vieira

Fevereiro com chuva, 2025





**SUMÁRIO
DE INCIDENTES
SUPOSTAMENTE
PARLAPATÓRIOS**



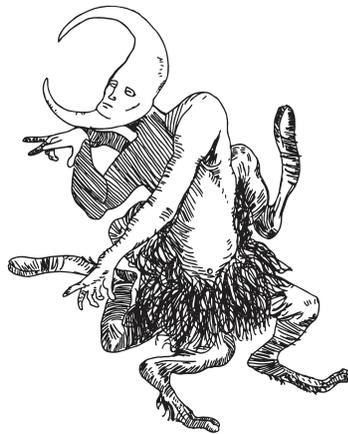


CABEÇA DE MORTE_23
A CHAVE DO SOL_33
CHUPE, MEU BEM_45
TEM GENTE BATENDO_53
ONZE MIL ANOS ATRÁS_65
CICATRIZ_73
OBJETO VOADOR NÃO IDENTIFICADO_81
GRINGO VÊ, GRINGO PAGA_89
A MANDÍBULA_97
QUEM NÃO FALA BRASILEIRO, PAGA_109
FANDANGO BINÁRIO RETRÓGRADO_117
A CARA QUE O OUTRO TINHA_125
TEMPORAL_143
UM ROSTO IDÊNTICO, ERA OUTRO_153
O SORRISO DE EUCLIDES_161
A FUGA DE JURANDIR_167
RESSURREIÇÃO_173



[Handwritten signature] 2002

*à memória de
Jair “Ensaio sobre a Lua” Damasceno*



CABEÇA DE MORTE



“A morte é uma doença.”

Um primeiro disse. Nos contornos de uma mesa de bar e, após sentenciar sem vírgula ou boa articulação a frase amargurada, entornou num único gole os 350ml do líquido insosso de uma lata de cerveja morna.

Arrotou.

Um rosto morto (ou uma montanha: ou uma teia), duro, intransitivo e frio como uma escultura de mármore, chorou lágrimas de granizo. Lágrimas que caíram sobre a grama daninha, grama que rasgou a pele do solo. Um solo desgastado, frágil: poluído à maneira dos rios de outrora e do porvir. No vento, o vazio entre as palavras e os passos, uma teia (ou um rosto morto: ou uma montanha) teceu diretamente do inconsciente coletivo de seus arcanos: maiores que

eram menores, vice-versa: vezes oito patas, quatro pares de pernas, que davam sustentação ao vento – ou se *sustentavam no*.

“A morte, uma doença?”

Retrucou um segundo.

Contornando o outro lado da mesa.

Era preciso muito mais (muito mais!) para escapar do vento. Desse vento em específico, que apresa quem não sabe enxergar as suas direções:

norte
acima
oeste leste
sul
abaixo
fora dentro entre.

Pois se não! Na ausência desacomodada de quem não enxerga as direções por onde o vento se desloca que, se tal ausência fosse capaz de traçar um início para qualquer história, das lágrimas de granizo tombadas sobre a tez do solo fendido pelo mato, uma trama sem tema colocou os pés descalços por cima de uma imprecisa página – incógnita.

Página incógnita.

In cognitus.

“Sim... E ALGUÉM precisa achar uma cura para a morte.” Reforçou o primeiro, entre arrotos e um muxoxo encardido de epistemologias iconoclastas.

Tanto quanto uma criatura bípede que detém polegar opositor e telencéfalo apurado se fizesse capaz de caminhar ao mesmo tempo em regiões distintas.

“Você está é louco! A vida, SIM, que é uma doença. A vida é como se fosse uma ferida aberta que teima em cicatrizar. Quem sente dor? Os vivos. Quem adocece? Os vivos. Quem se desespera? OS VIVOS! PORRA! A morte é a ÚNICA cura para essa doença chamada vida. Faça-me o favor.”

Os pés do segundo desceram da mesa.

Corpo dificultoso.

A distinção aí, pois bem, é que, na oportunidade em questão, ambas as paragens ocupavam (preste atenção!) a mesma região – física e metafísica – das cercanias siamesas e *paranaturais* de uma esquina narrativa qualquer. E a trama, ao contrário do que o senso comum e a lógica podem ditar, caminhou *ali* e *acolá* ao mesmo tempo. Tal e qual *ali* fosse *acolá* e *acolá* fosse *ali*.

“Você está é louco. É louco. Só pode. Mais louco que um louco... Vida é experiência, meu amigo...”

“Quem disse que sou seu amigo?”

“...Vida é percepção. A gente só está aqui, tendo essa discussão, ADIVINHA? porque estamos vivos! Rá!”

Um cuspe paquiderme.

Uma víbora capaz de engolir a si mesma a partir da ponta da própria cauda e, da autofagia em diante, jamais deixar de existir. Eterno engolir-se. Aranha que teceu a si mesma a partir da própria teia e, ao fim, que fim nunca foi, nunca é, a teia-aranha-teia converteu-se em nada além do que a própria aranha (ou o próprio vento: ou a própria teia) tecendo a tecelã, que era e não era nem uma nem outra, nada mais que o tecer. Um rosto morto, o mesmo rosto morto (montanha ou teia) que pranteou pedriscos de gelo, também foi capaz de soluçar. E, a meio-termo do *ali* e do *acolá*, surgiu algo como um *entre*.

Um soluço.

E do soluço, um espasmo.

“Pois é, mas a gente só adoce PORQUE ESTÁ VIVO. Não é mesmo?”

Não uma lenda sobre, nem uma página sob: ambas e nenhuma. Nem uma questão de fé ou uma

perquisição do saber. *Entre*. Não mais, nada mais que algo como um *entre*. Um conhecimento que não está *ali* nem *aqui*, quiçá *aí*, incógnito, mas a compreensão que está *entre*: o era e o que é. Alguma coisa como um é.

Ou foi.

Ou fomos.

“...”

O que estava para acontecer.

“Você chama a morte de doença, porque está projetando nela a sua frustração em estar vivo. Você pensa que celebra a vida, mas, a bem da verdade, você reza todos os dias pra que não adoença. Oras! Tenha dó! Faça-me o favor. Você não enxerga a sua contradição? O seu cinismo? Dizer que a morte é uma doença, quando ela é a solução, o antídoto para todos os males! É a entropia búdica, o socialismo zen: o anarquismo celebrado através do nirvana! A nulidade, a serenidade e o descanso eterno.”

Ou aconteceu enquanto os olhos seguiam sendo.

“Então, você acha que todos devem, sei lá, se matar ou morrer? A morte é a sua única solução?”

A porta que abriu sem ranger.

“Em nenhum momento eu disse isso.”

A criança que nasceu sem chorar.

“E o que você disse?”

Levantou-se, sacou a arma, uma Taurus 856 Ultra Light, compacta, leve, atirou cinco vezes à queima roupa.

Esvaziou a arma.

Como quem pode vaziar uma alma.

Há seis milhões de anos, pisaram aqui os *Orrorin tugenensis*; há cinco milhões e meio, os *Ardipithecus ramidus kadabba*; há quatro milhões de anos, então, os *Ramapithecus*, os *Ardipithecus ramidus ramidus*, bem como os *Australopithecus anamensis*; há três milhões de anos, vieram os *Australopithecus afarensis* e *Australopithecus africanus*; há dois milhões de anos, os *Australopithecus aethiopicus* e os *boisei*, aqui também chegaram os *Homo rudolfensis*; há um milhão de anos atrás, os *Australopithecus robustus* e os *Homo habilis*, bem como os *erectus*. De quinhentos mil anos para cá, os *Homo heidelbergensis*, e os *sapiens*, e os *neanderthalensis* e então os *sapiens sapiens*.

Quem atirou?

O primeiro ou o segundo?

A mesa de bar caiu com o peso do corpo baleado.

O outro corpo correu.

Fugiu.

O primeiro ou o segundo?

Alguém morreu.

Ou alguém foi curado?

O dono do bar e outras testemunhas, uns poucos
tais que resolveram ligar para a polícia.

Polícia Militar.

Polícia Militar Brasileira.

Do Latim: 1. Taurus PT 809C; 2. Glock G43; 3.
Smith & Wesson M&P Shield; 4. CZ P-10C; 5. Arex
Delta M/L/S; 6. Taurus 856 Ultra Light; 7. Rossi LCR
357; 8. Taurus 608 Revolver; 9. Heckler & Koch
MP5; 10. IMI UZI; 11. Remington 870 Express; 12.
Mossberg 500; e/ou 13. FN SCAR-L.

Sem exaustão.

Podendo variar de acordo com o estado e o pre-
conceito específico.

Sementes de uma execução.

A primeira sirene desligada.

A segunda sirene gritou pela madrugada.

Era ambulância do SAMU.

192

Um condutor sobrecarregado, um socorrista
abalado emocionalmente, devido a um término
recente com seu companheiro de anos, e um técnico

em Enfermagem misteriosamente sereno.

“Onde está a vítima?”, o socorrista perguntou.

Ninguém precisou apontar.



A CHAVE DO SOL



Uma rua sem asfalto,
chão de terra vermelha,
pisada por espectros,
cheiro de demarcação obsoleta.

Uma rua sem asfalto, mas com calçadas: duas: uma de cada lado. Casas, casinhas e casarões de um tempo secundário, terciário: paleolítico. De um ermo distante da claustrofobia e da afanação de tampas de bueiro explodindo e bocas de lobo engasgando com lixo e água das chuvas ácidas da ebulição. Chuva torrencial, fora da estação e fora dos eixos. O único pedestre naquela rua, naquele momento, era o vento, e o vento soprou os próprios passos sobre as calçadas de grama seca e placas de concreto trincados rumo a um casarão que ainda cheirava a sêmen e perfume

barato importado do Paraguai.

Um prostíbulo, de quartos vazios e desmemórias das putas reformadas por um tempo distante, sem síncope. Cabeça de Lua Pelada pegou uma das cadeiras velhas empilhadas atrás do balcão, que costumava ser o bar da Casa de Massagens Pernas Latinas, colocou em suas costas, gritou sem ouvir eco algum, e caminhou até um dos quartos.

Quatro paredes nuas, uma janela central com vidros quebrados e uma lâmpada resistindo tal e qual a um enforcado que se recusa a entrar em decomposição sob o escrutínio de abutres esfomeados – de asas imensas, abertas porque esperavam o vento e o calor secar as lágrimas fatais das chuvas. Cabeça de Lua Pelada colocou a cadeira sobre o chão sob a lâmpada, caminhou até o interruptor, acionou, e uma e duas e três vezes, uma luz insegura se fez. Oscilava como o cintilar da traseira de um vagalume, cansado e sem asas, escalando os cascos apodrecidos de um navio negreiro. Os pés tocaram uma pedra. Uma fração de rocha, quem sabe, em um dia qualquer desses, ou em uma página qualquer dessas, escapou das mãos de um jovem incauto e cegou o olho de alguém que a prosa fardava. Pedras não via-

jam porque querem, mas porque mãos. Porque tempo. Cabeça de Lua Pelada agachou, pegou a pedra com uma das mãos e voltou para a cadeira. Sentou a pedra. Contemplou o seixo urbanita, irrevogável frequentador de prostíbulos abandonados, meditou sobre o sedimento. Apontou o dedo para a pedra e, ato único, compôs o seguinte monólogo:

“O vento morre na chuva, mas a pedra lembra do vento! Ah, mas se lembra. Lembra sim! Lembra do cheiro, da culpa, do medo! De ser ou não ser, por hora, um corpo morto estendido como um galho seco sobre o chão. Corpo que não chora mais, como essa pedra sentada aí, sobre essa cadeira, sem dizer nada. Sem dizer nada! O silêncio dos filhos de um penedo! Creio que, às vezes, ou quase sempre, preciso me ignorar por completo. Será que isso é possível? Um morto é um morto, porque ele ignora a si mesmo, o próprio, por completo? Alguém já perguntou isso a algum morto? Bem, eu nunca. Há algum morto, alguma alma penada, aqui entre estes espaços insossos de um antigo prostíbulo? Enfim... O que eu estava dizendo, mesmo? Ah, lembrei! Às vezes eu preciso me ignorar por completo. Só assim a felicidade, que não me habita, me invade como uma tempestade de verão, de

um janeiro veranil. É ilógico pensar que somos isso ou aquilo, porque nós nunca somos. Afinal, nós estamos é, verdade seja dita, sempre sendo. Não somos, estamos sendo, como você, pedra. Você não é uma pedra, você está uma pedra. Eureka! Eureka! O corpo não nasce árvore, a pedra também não. A loucura não passa de ser mais que o destempero de breves, brevíssimas, eternidades. Sou a eternidade emancipada pelo holocausto que é não ser o outro. Ser apenas eu. Se o dois é um par de um, por que o um não é um par de zero? Zero. Sou um zero à esquerda! Esquerda, direita, esquerda, direita, volver! Pedra, você aí quieta, sentada sobre essa cadeira cheia de vestígios de sêmen primitivo, calada, quietinha, você sabe. Você sabe! Mas como sabe. Que o filho de Deus é um falocrata golpista e neoconservador, sentado à direita do Pai... Nunca da mãe. Nunca. Não, não, não, mas que fome eu estou... Você sente fome, pedra? Pena que meu estômago não digere pedras. Estou com fome, mas o corpo não é feito para sentir fome? Isso é um pouco triste... Sabe o que mais me entristece e subjuga? Saber que nunca visitarei o Sol. Aquele Sol ali, que esquentava as nossas cabeças. O meu coração, às vezes, é tão tolo. Tão tolo, esse meu

coração. Prega tantas peças... Faz eu me apaixonar por tanta gente, assim, gente que não tem nada a ver comigo. Gente que eu nem conheço. Gente que nem existe. Meu coração não é nem um pouco racional. Digo, assim... Digo racional como o meu intestino! Talvez, meu coração seja *terraplanista*. Você sabe, pedra, que o sabor doce é a ausência da morte? Ééé... É como as notas sem tom dos tambores de uma percussão que caem como pingos de chuva sobre o teto sem manutenção de um puteiro que foi posto de lado. Pequenos vendavais, cheios de dissabores políticos. A arte disfarça a simplicidade através das complexidades das nossas relações. Como você, pedra, a maioria dos sãos convivem através do silêncio. Ééé... Nasceu! Nasceu! Nasceu! Alguém nasceu na cidade para viver no interior, na zona rural, no mato. Ah! Ah! Na zona, entendeu? Na zona rural. Ah! Morreu! Morreu! Morreu! Outro alguém nasceu no interior para morrer na cidade. Na zona urbana! É por isso que urubu gosta mais é da cidade, de voar sobre as cabeças das putas e das travestis, também putas. Todas nós, putas. Quem nasce morto é natimorto. Quem nasceu dessa terra morta é nativo. Nativivo, nativivo-morto. Pedra, o asfalto lá fora é o seu cemitério? Não me responda.

Para! Você não está ouvindo que eu estou com fome? Estou esfomeado. Escuta, pedra, a percussão do meu estômago vazio. Tum-dum-tum-dum-dum-dum... É possível viver apenas de ar? Eu nunca vou pisar no solo do Sol. Solo solar. Quando eu cheguei aqui, pedra, e encontrei você antes de acender a luz, percebi que enquanto estamos a caminho do nada, descobrimos um pouco do tudo. Estamos desequilibrados e percorremos frágeis linhas. Débeis extensões de tudo aquilo que nunca fomos. Nunca fui. Sou o não vento, a não canção, o não obstáculo, a não intenção, o não binário. Sou você, pedra. Sentado sobre essa cadeira. É essa ou esta? Eu nunca sei. Mas sempre estou. Silêncio! Pare. Não se preocupe... Não se preocupe com o som do vento. É apenas uma pequena fração de um sonho orquestrado por diminutas violências cotidianas. Guilhotinas decepadas por cabeças repletas de balas perdidas e bombas atômicas. Pedra, oh, minha pedra. Eu sou seu rei. Eu sou um rei! Rei desse mundo, que até o ano dois mil e cinquenta não terá mais calotas e nem ursos polares. Sou o rei desse mundo, mundo sem ritmo e sem orgasmo. Eu estou nu, minha pedra. O seu rei está nu! Mesmo nu, ainda há muito o que desvestir. Camadas e camadas de preconceitos,

de desencontros. Sou o rei de ninguém. Ninguém é rei de mim. Estamos acabando com um mundo que ninguém sabe dizer se está caindo ou se está ascendendo nesse universo. Ah, o diverso no uno, o uno do diverso... Uni-duni-verso. Universo é o meu umbigo saltado! Pulsos atonais cavalgam o sangue que corre dentro das minhas veias e confundem o nosso silêncio. Transformo o verbo em pedra. Em voz. A voz do povo não é a voz de Deus. Deus não existe, o povo sim. Atrocidades cotidianas! Choramos, minha pedra, eu e você, no topo de ladeiras, por onde rolam nossas lágrimas cristalizadas pelo sopor gélido de uma política de idiotas. Ressonâncias esotéricas. Exorcismos unilaterais. Por que as pessoas não deixam os aparelhos celulares em suas casas? Esses aparelhos móveis não passam de pedras, com o perdão da expressão, pedrinha. Pedras, ou melhor, blocos de concreto presos aos pés dos seres humanos enquanto o mundo nos afunda em mais uma extinção em massa. O mundo, não. Nós! Não corte o cabelo na lua minguante. Eu nem tenho cabelo. Não pesque na quaresma. Sou vegetariano. Cuidado com os ovos que a galinha botou na lua cheia. O cachorro devorou a última galinha na lua nova. Sol na casa oito, Lua em escorpião.

Pedra, apesar de você estar pedra, você pode ser um livro. Aranduká! Ou uma runa. Uma runa repleta de significados e interpretações. A decepção é a cereja do bolo. É tragicômico, mas a síntese da vida não é vida. A síntese da vida é morte. Queria escrever sobre o exato momento, o hipnagógico momento entre estar morrendo e estar de fato morto. Pedra, não queria ser eu a contar. Mas você, querida, está viva. Tão viva quanto eu. A água de um lago. Um incêndio na Amazônia. Uma criança de oito anos em um transporte escolar. Testemunhas. Testemunhamos. São. Sou? Eu? Eu não! Você é, pedra. Eu lavo as minhas mãos. Sou domador de pedras. Sou a pedra. E quem é a mão? Eu não sou. Continuo com fome... e trocaria você, pedra, por um pão. Ah, mas eu trocaria. Você, não? Toda porta tem sua chave. Queria ter em minhas mãos a chave para o Sol...”

Cabeça de Lua Pelada sentou-se sobre a pedra, a pedra sobre a cadeira, mas logo sentiu desconforto entre as nádegas. Caminhou até a janela e atirou a pedra janela afora, sem tomar cuidado algum.

“Ai! Quem foi a desgraça que me jogou essa pedra?”

“Foi a pedra que se suicidou.”

“Você quase me matou!”

“Mas não matei. Matei?”

“Você é louco!”

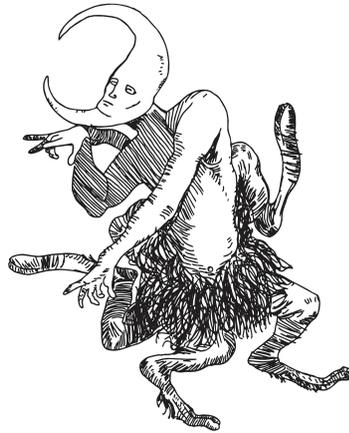
“E quem, não é?”, disse Cabeça de Lua Pelada. Um cheiro de pão invadiu suas narinas. “O que você carrega nesse saco, é pão?”

“Sim. É pão.”

“A sua cabeça tem a forma de uma lua crescente. É a sua cabeça, mesmo?”

“Sim, de renascença. Me dê um pão.”

“Pois eu dou se você me contar uma coisa.”



**CHUPE,
MEU BEM**



A imagem no reflexo do espelho não era uma, nem duas, era três. Era a imagem que se olhava no espelho, a imagem no espelho que se olhava na imagem, e a imagem mental que olhava, ao mesmo tempo, as outras duas imagens além de olhar o infinito das trevas de uma mente sideral. Uma mudança de consciência: congênita: uma percepção tripartida de si mesma. A imagem no reflexo do espelho, a imagem era mulher. Uma mulher de pau, como o naipe impresso em uma das cinquenta e duas lâminas de um jogo de cartas comum. E a mulher se chamava Amapola. E Amapola amava jogar cartas. Lá estava ela, sentada, aquecendo com o traseiro uma cadeira dobrável de ferro, jogando cartas sobre uma mesa dobrável de ferro. Jogava cartas em uma esquina,

com o piso da calçada cimentada todo fraturado sob os pés calçados em longos tamancos vermelhos. Uma esquina que era a língua cansada de um antigo boteco da cidade. Um boteco de esquina, de som de CD tocando moda de viola, de balcão empoeirado servindo álcool e sanduíche de pão amanhecido com ovo frito, de Amapola jogando cartas consigo mesma, ela e mais ela, através de um invisível espelho redondo dividindo a mesa e o boteco com mais ninguém. Nas pontas dos dedos da mão esquerda, de unhas vermelhas, um sete de paus se revelou. O sexo era criativo e impessoal. Amapola olhou para um homem e um cachorro que se aproximavam.

“Olá, bonitões. Vocês estão perdidos?”

“...”

“Vadios, é? Não lembro de ter visto vocês antes por aqui.”

O homem caminhou em direção à mesa, mas tropeçou em um desnível da calçada provocado por uma rachadura do tamanho da palma da mão de um ser humano adulto e de estatura mediana. Ele encontrou apenas vazio durante a queda e, sem ter como evitar o inevitável, tombou entre as pernas da mulher de pau. Um pau enorme, compridíssimo. Pendendo

como se fosse a tromba de um elefante quase albino. Com um prepúcio que cobria muito bem a glânde e por onde escorria uma espécie de seiva.

Amapola pagodeou a situação.

“Vamos, chupe.”

“Como?”

“Chupe, meu bem. Agora que você já está aí, de quatro, como um cachorrinho. Chupe, lamba, mame a minha divina neca. Essa neca que não admite, jamais, ser aquendada. Eu lhe asseguro que o leite que sai dela, é um líquido sagrado. É o mesmo suco que constitui as suntuosas espirais da Via Láctea.”

O homem, sentindo-se ultrajado, levantou-se sozinho e, logo em seguida, chutou o cachorro, que fugiu em disparada, com o rabo entre as pernas, cantando cain cain cain.

“Se eu não tivesse jogado a arma no mato...”

“Desculpe, meu bem. O que você disse?”

“Não disse nada.”

“Disse, sim.”

Amapola sacou um canivete de dentro de sua bolsa, levantou-se da mesa, ajeitou o vestido e foi para cima do homem.

“Não venha querendo dar a Elza pra cima de

mim, me gongar assim, não. Que eu não sou mulher de Irene!”

“Calma aí, cara. Eu sou da paz.”

“Cara? Cara?!”

A ausência de um sintoma universal, do modo que o ladrado do espírito de um cão atropelado pen-
deu para a devoração das entranhas de um plano de
existência melindroso e imperfeito, fez-se ausência
no momento.

No momento... que...

...*Memento mori*...

No momento em que: o objeto pontiagudo, em
punhos firmes de uma criatura delicada, o objeto:
um canivete, rasgou e perfurou um músculo e estre-
itou-se na profundidade da carne de um homem per-
dido, condenado. Soflagrante: tecnologia de subli-
nhar a camada mais superficial da pele, em contato
com a lâmina, mergulhou, como que a tracejar um
pentagrama de estratos córneos, lúcidos, granulo-
sos, espinhosos e germinativos. Ponto em que: o san-
gue fornicou com a lâmina sobre um colchão de
motel, cujo quarto era uma camada intermediária
de beijos papilares e penetrações reticulares. Sem o
triz de: não ter o tecido subcutâneo preservado seu

voto de castidade. Fáschia, músculos, artérias e nervos não mais interligados. Abriu-se a gaiola torácica para que os pássaros-sopro-substâncias-de-vida petrificassem os pulmões, o esôfago e o coração.

Amapola cuspiu sobre o cadáver.

Um despojo em pedaços, como um espelho quebrado.

“Preciso foder. É isso. Respire fundo, Amapola. Você é linda. Joga o picumã e vai catar um Bofe.”

Ela virou-se, pegou o deck de cartas, sobreveio sobre o corpo-espelho-quebrado e enfiou o baralho na boca sem saliva e fétida.

“Nossa, que fedor.”

“Desaquenda, mulher.” Disse a dona do boteco. Uma mulher de meia idade, ombros largos, cabelos curtos, avental encardido, enxugando com um pano de prato velho um copo americano.

“Pendura a conta, Anastácia. Depois que eu fizer um programa bom, eu volto pra acertar com você.”

Apenas o som dos tamancos vermelhos e da moda de viola no som de CD.

Arenas de súplicas silenciosas embrulhadas em batalhas míticas pela sobrevivência.

Na sombra projetada pelo corpo descendo a rua, também a sombra de asas de quase dois metros de

envergadura.

Uma ave catartiforme.

Urubu.

r b .

U u u.



**TEM GENTE
BATENDO**



Ele abriu a porta. Suava frio. Um ventilador de coluna barulhento assaltou a cara dele e ressecou a exsudação sobre a pele calcificada pelo descuido: descuido de anos sem saber, em nunca ser ensinado, a se cuidar. Atravessou o diminuto corredor entre a sala, a cozinha e os quartos, e se ajoelhou rente à cama. Debaixo do móvel, retirou uma caixa de sapatos onde havia escondido a arma de fogo. O ventilador na sala. Suor voltou a pingar. Poros e rugas como o Pantanal depois da seca.

“Chegou cedo, Antenógenes.”

“Cheguei, é?”

“Chegou.”

“A rua hoje tava chata.”

“É?”

“É.”

“Sei bem.”

Antenógenes empurrou bem fundo a caixa de sapatos e voltou para a sala. Desligou o ventilador, incomodado com o barulho estrepitoso, ligou a televisão, espiou pela janela, e derrubou o corpo sobre o sofá.

“Tem janta?” Gritou para a mulher que o havia aporrinhado no quarto.

“Tô terminando de requeantar o que sobrou do almoço.”

“Quando que a Cidinha volta?”

“E eu sei lá quando a sua mulher volta? Só pode!”

“Tudo bem, Maria. Termina aí e vem me dar uma chupada. Tô precisando.”

“Tem dinheiro?”

“Mas é claro.”

Maria aumentou o volume do rádio sobre o batente da janela avizinhada ao fogão a gás, um fogão velho de quatro bocas, paredes de azulejos engordurados e trincados, e continuou a escutar o programa do seu pastor evangélico preferido. O programa *A voz dos Arrebatados* seguiu assim:

“Amados irmãos e irmãs em Cristo, que escutam

A voz dos Arrebatados, na nossa rádio Amor em Cristo, hoje venho diante de vocês com um coração pesado e uma mensagem que clama por reflexão e discernimento. É com grande pesar que testemunhamos a recusa de muitos em contribuir com o dízimo, uma prática abençoada e ordenada por nosso Senhor, que nos concede o privilégio de sermos mordomos fiéis dos recursos que Ele nos confiou. É crucial compreender que o dízimo não é uma simples obrigação financeira, mas um ato de fé, obediência e gratidão para com o Senhor. Ao nos abençoar com recursos materiais, Ele nos chama a honrá-Lo com o primeiro fruto de nossos ganhos, reconhecendo que tudo o que temos vem dEle e pertence a Ele. A palavra de Deus nos instrui claramente sobre o dízimo. Em Malaquias 3:10, o Senhor nos desafia a trazermos todos os dízimos à Sua casa, para que haja mantimento em Seu lar. Negligenciar o dízimo é negar a Deus a oportunidade de nos abençoar abundantemente, pois Ele prometeu recompensar a fidelidade daqueles que confiam nEle. Além disso, Jesus Cristo mesmo nos ensinou sobre a importância de contribuir para a obra do Senhor. Em Mateus 22:21, Ele nos diz para darmos a César o que é de César e a

Deus o que é de Deus, reconhecendo a soberania divina sobre todas as áreas de nossas vidas, inclusive nossos recursos financeiros. Quando nos recusamos a pagar o dízimo, estamos desobedecendo aos mandamentos do Senhor e agindo em desacordo com os valores cristãos. Estamos colocando nossos próprios desejos e interesses materiais acima da vontade de Deus, esquecendo-nos de que Ele é o provedor de todas as coisas e que devemos confiar Nele em todas as circunstâncias. Além disso, ao retermos o dízimo, estamos prejudicando a obra do Senhor e limitando o alcance do evangelho. Os recursos financeiros são essenciais para sustentar as atividades da igreja, como o cuidado com os necessitados, a pregação do evangelho e o fortalecimento da comunidade de fé. Quando deixamos de contribuir, estamos impedindo o avanço do Reino de Deus na terra. Portanto, meus amados e amadas, exorto-vos a examinar vossos corações e a reconsiderar vossas atitudes em relação ao dízimo. Que possamos ser fiéis mordomos dos recursos que o Senhor nos confiou, honrando-O com nossos dízimos e ofertas e confiando em Sua promessa de suprir todas as nossas necessidades conforme a Sua gloriosa riqueza em Cristo Jesus.

Que o Espírito Santo nos capacite a viver em obediência e fidelidade, para que possamos desfrutar das abundantes bênçãos reservadas aos que servem ao Senhor de todo o coração. Amém.”

“Isso, Maria. Não para. Ah... Isso, com mais força... vou go... Eu vou gozar. Porra!”

Antenógenes puxou as calças, fechou o zíper e, sem olhar para Maria, levantou-se e foi para a cozinha.

“E o meu dinheiro?”

“Que dinheiro?”

“Da chupada, caralho.”

“Depois da janta eu penso no seu caso, mulher.”

O homem coçou a bunda.

“Desgraçado.” Maria sussurrou, sem que Antenógenes conseguisse ouvir.

A mulher caminhou angulosa e oblíqua até o banheiro, que ficava entre quartos, e lavou o sêmen condenado de sua boca. Um pequeno espelho, de moldura de plástico marrom-alaranjado, devolvia à mulher uma imagem diminuta e distorcida. Um reflexo mais real que a própria carne. Uma insubstancial apoplexia de circunstâncias em desvirtudes passíveis de romper em uma série de facadas: de faca serrilhada de cozinha: de faca de cortar carne sem

fio: de: ou de. De quem a semelhança seria interrompida por.

Alguém bateu à porta.

“Antenógenes, tem gente batendo na porta.”

Antenógenes engasgou com a comida.

“Antenógenes, vai atender. Homem, que a casa é sua!”

Alguém chutou a porta.

Uma porta antiga. Madeira de Lei Maciça. Madeira sul-americana, tropical. Pura, nacional. Sem adição de fibras sintéticas: densa: resistente a cupins e umidade. Mas a porta chutada era arcaica, nunca passou por manutenção, uma mão-de-obra sequer. A tinta branca escureceu com o encardido do vento, a proteção do verniz minguou sob incontáveis investidas de chuvas e temporais, além do escrutínio do próprio tempo.

Alguém eram três homens armados, armas em punho e destravadas.

Antenógenes apertou primeiro o gatilho, antes dos três, mas a Taurus estava sem munição.

“Quem não deve, não teme”, disse um dos três homens.

Três armas dispararam contra o corpo que ostentava uma arma descarregada.

O corpo de Antenógenes não era de madeira de lei, logo, reconstituído através de um processo de prensagem de fibras de ossos triturados e sangue sintético, empenou e despencou sobre o piso de porcelanato, crivado por uma chuva horizontal de ogivas metálicas impulsionadas por pólvoras que queimavam rapidamente, criando gases que expandiam e empurravam as balas para fora dos canos das armas dos três, penetrando e atravessando o corpo de interesse comum.

Os três assassinos eram conhecidos pela alcunha “número três”. Ninguém conhecia seus verdadeiros nomes, nem eles, entre eles mesmos. Estavam por detrás do ato da criação de qualquer morte por encomenda. A maligna trindade, pois mostravam o caráter sagrado em suas demandas. Produzir serviços, conservar a reputação e transformar aquilo que é vivo em aquilo que jaz morto. A perfeição pitagórica do homicídio. A junção do céu e da terra: humanidade.

A cabeça de Maria escapou sem querer pela fresta da porta do banheiro.

“É uma mulher.”

“Eu não mato mulher. Bem, não mato mulher que não nos pagaram para matar.”

“Nem eu.”

“Muito menos eu.”

Ela reuniu coragem para sair do banheiro tempos depois que os assassinos debandaram. Maria tremia, mas nenhuma lágrima reclamou a superfície dos olhos. Pegou suas coisas: bolsa e sapatos. Antes de pular o cadáver de seu amante e sair pela porta para nunca mais voltar, agachou-se, examinou os bolsos dele e sacou um maço de dinheiro.

“Aqui, ó. Tô pegando o dinheiro pela chupada e por tudo de ruim que você me fez, desgraça.”

Cuspiu.

A poça de sangue sob o corpo escorrendo como verniz fresco sobre o piso.

“Alô, Cidinha?”

“...”

“Serviço feito.”

“...”

“... nada.”

O ventilador, talvez por um curto na rede elétrica, ligou sozinho.

Hélice de seis pás girando em potência máxima.

Oscilava horizontalmente no automático.

Horizonte se pondo.

Do ponto de vista do corpo morto, assassinado,
de um homem,
cujo nome
já não mais
im
porta.



**ONZE MIL
ANOS ATRÁS**



Em algum tempo e lugar entre

[o *aqui* e o *acolá*]

o fim do Pleistoceno

e o início do Holoceno:

Um grupo de hominídeos nômades, provavelmente *Homo sapiens*, atravessava o Cerrado: um Cerrado virgem, mancebo da descoberta do gozo e da infelicidade. Caçadores-coletores vindos de uma caçada frustrada, caminhavam em direção a um rio, na esperança de pescar algum peixe antes que o dia virasse noite, boca imensa, escura e cheia de estrelas no lugar dos dentes – e a noite não virasse dia. O grupo era composto por sete indivíduos de estatura mediana, completamente nus – mas nus não estavam, pois, a nudez ainda não tinha sido inventada –, algumas

armas rudimentares nas mãos e a determinação em obter algo para matar a fome antes que a fome os matasse devorados pela noite, sem jamais rever o dia.

O percurso até o rio estava se tornando longo e árduo: instintivamente e materialmente.

Olhos desconfiados.

Olhos passeriformes.

Olhos felinos.

Olhos dos olhos entre olhares deles mesmos.

Um incômodo físico e mental: o incômodo-fome.

Naquele tempo, as águas de um rio, mesmo as sussurrantes, podiam ser ouvidas a quilômetros de distância. E a aparência da proximidade podia ser mera ilusão. As bocas salivavam e os estômagos apertavam, eram as sete mentes imaginando um pedaço de carne de peixe. Conforme a saliva secava dentro das bocas, a tensão entre eles aumentava. E aumentava. Até a distância entre o grupo e o rio se transformar em som de correnteza e violência.

Um imenso tuiuiu cortou em sobrevoo um céu sanguíneo.

Uma onça-pintada bocejou deitada sobre o galho de uma árvore.

Um jacaré vitimou uma capivara.

Uma disputa entre sete hominídeos irrompeu sob a primeiridade daquela instância.

O motor da hostilidade era sobre quem teria o direito de pescar primeiro. Motor que roncou antes de ser inventado. E as intenções tensionadas se transformaram em empurrões, e os empurrões se transformaram em uma escaramuça de famintos. Uma batalha que se intensificou e se estendeu por horas. Gritos e berros e urros e guinchos. Bramidos por lanças atravessando a carne e libertando a alma. Mordidas e dentadas irregulares e grosseiras. Estocadas, pauladas e pedras lançadas. O cheiro de sangue e suor se confundia com os cheiros da terra e da grama. A força do corpo sucumbia. A vontade de resiliência desvanecia sob a circunstância inolvidável de matar e não ser morto. Dois hominídeos morreram por traumatismo craniano; um terceiro teve o coração arrancado pelas costas na ponta de uma lança; o quarto e o quinto, exaustos no chão, sangraram até a morte; e o sexto foi estrangulado pelo sétimo que, exausto e ferido, desistiu de chegar até o rio após vencer a disputa.

A noite havia engolido o dia.

A fome e os ferimentos não deixaram o vitorioso

dormir, mesmo consumado pela exaustão.

Ele olhou para os cadáveres ao seu redor e, por uma questão de flagrante, o cheiro de carne dos seus iguais pareceu mais aromática que o cheiro de carne de peixe carregado pelo vento.

A primeira mordida levou a uma segunda, e a uma terceira, e a uma quarta, e quinta, até não caber mais carne dentro do estômago nem alma dentro dos olhos.

Deitou o corpo satisfeito e dormiu entre peles e ossos.

Abdômen dilatado.

Naquela noite, nem mesmo a onça mais tihosa ousou se aproximar.

Quando amanheceu, o hominídeo sobrevivente caminhou até o rio onde tomou um banho.

Ao sair das águas, agachou-se na margem e contemplou sua imagem refletida no espelho diáfano. No lugar de sua cabeça ovalada e de cabelos negros e lisos como a noite, agora havia uma cabeça careca no formato de uma lua minguante. Seu coração pesou e ele fez o primeiro rascunho daquilo que milhares de anos à frente do seu tempo seria traduzido pelos *Homo sapiens sapiens* falantes da língua portuguesa como arrependimento.

O primeiro arrependimento não matou, imortalizou.

O sobrevivente se entendeu como Cabeça de Lua Pelada e, a partir daquele dia, passou a coletar e a se alimentar apenas de frutas. Bem, carne humana, somente daqueles que não eram nativos daquelas terras.

Cabeça de Lua Pelada disse:

“Ahepya jasy potĩ.”

Algo como

“sou uma lua pequena”.

Tempo retrucado como uma ponta de lápis atravessando uma folha dobrada ao meio. Uma víbora capaz de engolir a si mesma a partir da ponta da própria cauda e, da autofagia em diante, jamais deixar de existir.

Onze mil anos,
para uma cicatriz em Saturno,
era um piscar
de cus e
de olhos.



CICATRIZ



“Não sei se você sabe, mas as tempestades de Saturno são ciclópicas. Parecem com os furacões daqui, mas muito maiores.”

“Viriato, traz mais uma rodada pra gente aqui.”

“Então, como eu estava dizendo, essas tempestades acontecem a cada duas ou três décadas e deixam marcas que duram séculos.”

“Tipo uma cicatriz?”

“É, mais ou menos.”

“Cicatriz que dura séculos.”

“Se pensar assim...”

“Obrigado, Viriato. Ah! Traz também uma porção de fritas, que hoje a gente está comemorando.”

“Opa! Desculpe eu fazer o enxerido, mas o que os patrões estão comemorando?”

Risos.

“A Cidinha, grande paixão do nosso amigo aqui, sabe? Então, acabamos de ficar sabendo, ficou viúva!”

“Porra, Carlos. Vá se foder. Caralho.”

Risos e gargalhadas.

“Qual é, João? Mas não é verdade?”

“Eu fiquei sabendo. Parece, é o que os buchichos contam aqui no restaurante... Parece que o homem virou presunto por questão de dívida com jogo do bicho.”

“Sério mesmo, Viriato?”

“É o que andam contando.”

“Os buchichos?”

“Isso...”

“Olha aí, João. Você, tão certinho, prendado e perfumado é tudo o que a viúva de um presunto viciado em jogo do bicho precisa pra se consolar e se reerguer.”

“Sou apaixonado por essa mulher desde os tempos de colégio. Nem o tempo e a distância, nem pegando puta que se parece com ela, nada resolveu pra sumir com essa escolha idiota do meu coração.”

“E que fique claro, senhores. Eu sou testemunha, e assino embaixo, de que João pagou o combinado com cada uma das putas. Não conheço homem livre

de dívidas a não ser meu camarada João, aqui. Cidinha não será viúva mais uma vez, bem, não de devendor de cafetão!”

Risos.

“Os senhores me dão licença, que eu vou providenciar as fritas.”

“O que você estava contando, mesmo, sobre Júpiter?”

“Era Saturno.”

“Isso.”

“Ah, deixa pra lá. Só coisa inútil que eu li numa revista qualquer.”

“Tá bem.”

“Quando tá pensando em ir falar com a Cidinha?”

“Sei não... Talvez na missa de sétimo dia.”

“Tá com coragem, hein.”

“É o tempo... É o tempo...”

O período de rotação de Saturno: dez horas e trinta e nove minutos. Praticamente a metade do tempo que a Terra demora para dar a volta em seu próprio eixo. O mesmo tempo que Maria Aparecida, vulgo Cidinha, demorou para chegar ao IML e reconhecer o corpo de seu marido.

Maria Aparecida não chorou.

Maria Aparecida não tremeu.

Maria Aparecida não soluçou.

Maria Aparecida simplesmente compareceu.

Maria Aparecida, Cidinha.

Ela sabia que não foi a máfia do jogo do bicho quem matou seu marido. E ela sabia quem mandou matar.

E ninguém mais precisava saber.

Muito menos a polícia.

O necrotério do Instituto Médico Legal, o IML, era um local desimportante para Cidinha. ESTRUTURA: o coração da mulher era, assim ela o entendia, como aquelas geladeiras armazenando cadáveres temporariamente. O coração de Maria Aparecida, devido a suas escolhas, muitas escolhas erradas, não servia para bombear sangue para o seu corpo mas, sim, atravessar provisoriamente gente viva que já tinha morrido e não sabia. PROCESSO: ela sabia que a sua vida, a de qualquer um, era um acidente, de causas suspeitas, um inevitável óbito sem dia nem hora marcado, assim, às claras. EXAME: a consciência dos vivos era uma espécie de necrópsia. Determinando a causa da morte do pensamento dos outros ou matando os próprios pensamentos, ao imprimir cada palavra, noção e imagem

em folhas em branco. EMBASAMENTO: elaboração de um método para a ruína, ou uma linguagem ou sensação atribuída à felicidade. Causa, motivo e inconsequência. PROVIMENTO: os corpos permanecem frios. O espaço sideral é frio, congelante. Quem reclama ou identifica um sentimento – de ódio, de amor, de raiva, de frustração, de vingança? Quem? Após trinta dias no deserto, é claro que até o diabo vê o diabo.

“Sim, é o meu marido”

“A senhora tem certeza?”

“Mas é claro, como não teria certeza após vinte anos de casamento?”

“Tá certo. Só me confirma o nome, Antenógenes...”

“...Floreano Augusto Dias de Albuquerque.”

“...Tá certo. A senhora está liberada, tá.”

Antes de deixar o necrotério, Cidinha olhou, pela última vez, a cicatriz no pescoço do cadáver de Antenógenes. Vestígio da primeira vez em que ela tentou, ela mesma, por ela mesma, matar aquele que um dia a jurou de amor.

Uma lágrima escorreu de um dos olhos da mulher.

Nem de tristeza, nem de saudade.

De liberdade.



**OBJETO
VOADOR NÃO
IDENTIFICADO**



“Ali, ó.”

“Não estou vendo nada.”

“Já foi.”

“Você está me fazendo de boba?”

O Escritório de Resolução de Anomalias da NASA recebia de 50 a 100 relatórios de avistamento de OVNIS por mês.

Nenhum desses relatórios incluíam violência parental ou um homem pelado com cabeça de lua.

O departamento era outro.

Outro departamento.

O imperialismo seguia sendo o mesmo.

O outro era

quem sempre mudava.



**GRINGO VÊ,
GRINGO PAGA**



O tópico dos trópicos: Capricórnio. A tensão, proposição. Fingir que ela era virgem para fabular às novas gerações que não foi invadida, mas que foi, sim, descoberta. Ao acaso, assim, por bravos navegantes e indomados corações sífilíticos. Mesmo onde o mar não alcançava, os ratos das caravelas chegavam com seus exércitos de piolhos degredados e outros parasitas. O vento enrugava os troncos de tímidas árvores retorcidas e folhas espinhosas. As flores de ipês perfumavam uma terra ressequida. A pelagem do lobo franzino era de urucum. Atravessando os poros do chão encardido, como um punho querendo esmagar a face impiedosa do sol, erguia-se uma pedra imensa. Um monólito de granito secular, venerado pelos filhos originários da falsa virgem e tido por eles como

um portal para o mundo dos mortos.

E o granito granulou, como a bebida à base de mandioca azedou. E o portal para o mundo dos mortos deixou de ser portal, passou a ser mercado: mercado. Os navegantes continuaram os mesmos, as mentiras permaneceram as mesmas.

“Ecco, che interessante.”

“Cosa c'è di interessante, Andrea?”

“Questo sonaglio, la donna grassa sta dicendo che è stata lei stessa a farlo.”

“Davvero? Con queste mani sporche?”

Um homem e uma mulher, palidez resplandecendo por vias de uma sudorese excessiva, gargalharam e trocaram olhares de deboche. A mulher abriu o zíper de uma pochete engolida por sua barriga grande e flácida, sacou umas notas suadas e pagou pelo chocalho indígena.

“Isto é um maracá, um chocalho Kadiwéu.”
Disse um jovem, incomodado com a cara de deboche dos gringos.

O casal olhou para o jovem.

Homem e mulher visivelmente incomodados.

“Chi è quel lurido?”

“Un povero disgraziato.”

Mais gargalhadas.

Naquele intervalo de tempo de conceito sobre o vazio, o mercadão estava lotado. Milhares de pessoas transitavam de maneira claustrofóbica por corredores estreitos e delimitados por estandes de madeira que serviam de expositores para oferecer erva mate, café moído na hora, artesanato indígena, ervas para chás diversos com finalidades mais diversas ainda, títulos de capitalização, berrantes, cuia para tereré, rapaduras, doce de leite, pastel frito, queijos, geleia de mocotó, guavira, bocaiuva, ingá-do-cerrado, cumbaru, jaca, garapa, pinga, cachaça, entre outras infinidades de coisas significadas e consideráveis. Em um estabelecimento às margens dos corredores, do formigueiro de gente, uma placa proibia a venda de bebida alcóolica para indígenas. Mercado marcado. Pele vermelha não era de urucum, servia de alvo da antepaixão. A antessala da perseguição.

O jovem que enviou o casal de italianos desapareceu.

“Hai visto dove è andato il lurido?”

“No. Non l'ho visto.”

Deram de ombros.

Estacionada ao lado do mercadão, uma van esperava

pelos italianos. Dentro dela, outro casal expectava.

“Those fat Italians are taking a long time.”

“Yeah. I can't stand that woman. She's disgusting.”

Sobrecarregados de sacolas, o casal peninsular chegou.

“Sorry for the delay, guys.”

“No worries, we were taking the opportunity to rest.”

“Did you see where the driver is?”

“Andrea, non ce la faccio più con questo viaggio di merda.”

“Cara mia, presto saremo all'hotel.”

Na distância hipotética entre a Casa Grande e a Senzala, o jovem do maracá apertava a mão do motorista da van, em um gesto de acordo desacolhedor.

“Combinado, então?”

“Combinado.”

“Vou pegar a moto e te espero lá.”

“Fechou.”

O motorista retornou.

“Sorry for the delay, folks. Is everyone seated? Let's go.” Disse o motorista, pronunciando as palavras em inglês da mesma maneira que pronunciava os sons das vogais e sílabas do português brasileiro – sua língua nativa.

A mulher, do casal que falava inglês, sussurrou ao seu marido:

“I can't stand how this driver mispronounces words.”

O sussurro soou mais alto do que o esperado.

Ao escutar o sussurro que falhou em ser sussurro, o casal de italianos gargalhou junto com o casal de estadunidenses.

No espelho retrovisor da van, um olhar engastado por um brilho opaco de ancestralidade e revolta ocultava uma intenção e um futuro intraduzível para a desatenção dos gringos suados e consumistas.



A MANDÍBULA



A boca de Arlindo Sebastiano subia e descia, engolia e desengolia o desmesurado, desmedido, agigantado, descomunal, paquidérmico pênis de Amapola. O político sexagenário, de perfil conservador, paladino dos bons costumes, da família tradicional, do *era no paleolítico que a vida era boa*, do ativismo contra o politicamente correto, antiabortista, temente a Deus, xenofóbico, nativista, nacionalista, patriota, armamentista, pai de seis e avô de dezoito, esse mesmo, homem público, em seu segundo casamento, indo para o terceiro, a validade de suas esposas oficiais acabava quando as mesmas completavam trinta anos de idade, às vezes vinte e nove, sustentava uma ereção, como se tivesse sido picado por uma aranha armadeira, mas era o engasgo provocado

pela glande do cacete da travesti, que Arlindo gostava de chamar de *meu grelinho*, atravessando sua garganta e acometendo suas pregas vocais que o deixavam de pau duro, duríssimo. As pregas do cu reluziam e os pentelhos pestanejavam. Arlindo tossia saliva espessa e transparente. De tempo em tempo, desplugava a genitália três vezes maior que a sua da boca e buscava preencher os pulmões com ar, mesmo que, às vezes e de propósito, Amapola seguisse sua cabeça com suas imensas mãos e testasse a tenacidade pulmonar do político. Mas Arlindo gostava. Quando conseguia escapar do sufocamento, dizia “vai safada, judia mais do seu macho”. A sustentação oral do advogado que caiu no gosto do povo prosseguia. E o quinto vereador mais votado da capital caía de boca no pau da transexual. Sempre à noite, dentro da sua F-Maxx, maior picape do país, com quatrocentos cavalos e chassi de caminhão. Em um local estratégico, no estacionamento aberto de um parque que abrigava uma reserva florestal e também diversos setores da administração pública.

“Aí, Arlindo. Cansei. Meu pau já tá doendo.”

“Mas nem comecei a brincar com o *meu grelinho*.”

“Hoje o dia foi tenso. Vamos, vira essa bunda

peluda pra eu meter gostoso e você gozar logo.”

“Mas, Amapola...”

“O que é?”

“Só mais uma engasgadinha, por favor?”

“Hoje, não.”

“Hoje, sim.”

“Não.”

Amapola avançou sobre Arlindo, cingindo o pescoço do vereador com as mãos. Jogou o corpo paquidérmico para os bancos de trás da picape e pediu para que ele abaixasse as calças. Ele a obedeceu, com o pênis um tanto quanto flácido, ao contrário de Amapola e sua Torre de Hércules, como as que existiram em Cádiz, na Espanha do século dezessete, prestes a invadir o reto não higienizado de um dos responsáveis por propor, discutir, aprovar e aplicar as leis municipais.

“Quando eu gozar dentro desse seu cu fedido, vou gozar com tanta força que vou explodir você.”

“Isso, safada. Explode o seu macho.”

Uma reviravolta.

Ao contrário do que o senso comum e a lógica poderiam ditar, a ponte entre cenas caminhou *ali* e

acolá ao mesmo tempo.

Tal e qual *ali* fosse *acolá* e *acolá* fosse *ali*.

Uma víbora capaz de engolir a si mesma a partir da ponta da própria cauda e, da autofagia em diante, jamais deixar de existir.

Eterno engolir-se.

Anastácia, após abrir o boteco, aprontar as mesas e limpar o balcão, ligou a tevê.

Na tela

o jornal local voltava
do intervalo:

“Escândalo à Beira da Fronteira”, iniciou, em tom de gravidade, a apresentadora. Continuou: *“Agora vocês vão saber tudo sobre o vereador envolvido em transações ilegais com o tráfico paraguaio.”*

Zoom out.

“Em uma reviravolta chocante que abalou os alicerces da política e segurança na região da fronteira Brasil-Paraguai, emergem relatos perturbadores sobre um acordo clandestino entre o tradicional político brasileiro Arlindo Sebastiano e líderes do tráfico de drogas paraguaios. As transações ilícitas, que alegadamente ocorreram nas sombras da noite na fronteira, envolvem o intercâmbio de favores políticos

por parte do político em troca de apoio financeiro e logístico do tráfico paraguaio. Fontes confidenciais afirmam que esse acordo macabro visava garantir o fluxo contínuo de drogas ilícitas através da fronteira, em troca de influência política e proteção. No entanto, as consequências de um possível descumprimento desse acordo nefasto foram ainda mais alarmantes. Especialistas em segurança já advertiam que qualquer sinal de traição por parte do político poderia desencadear uma série de eventos violentos e retaliatórios por parte dos poderosos cartéis de drogas do Paraguai. Desde ameaças diretas à vida do político até a escalada de violência em comunidades próximas à fronteira, um cenário sombrio e carregado de perigos iminentes. Autoridades brasileiras e paraguaias, em colaboração, intensificaram os esforços para dismantelar essa rede criminosa e levar os responsáveis à justiça. Operações conjuntas de segurança foram lançadas em toda a região, visando desarticular as atividades ilegais do tráfico e expor a extensão dos laços corruptos que ameaçam a estabilidade da democracia na região. Enquanto isso, a população local aguarda ansiosamente por respostas e ações concretas das autoridades, temerosa das implicações

que esse escândalo pode ter em suas vidas e na segurança de suas comunidades. A importante e necessária investigação avança, o espectro do crime organizado paira sobre a fronteira, lançando uma sombra de incerteza sobre o futuro desta região marcada pela corrupção e pelo tráfico de drogas.”

Zoom in.

A apresentadora caminhou até um estande localizado à sua esquerda e cumprimentou a representante comercial.

“Meu povo, vou interromper esse assunto grave, porque a gente precisa dar uma respirada, uma aliviada, né. Por isso eu trouxe aqui a Adriana. Oi, Adriana. É verdade que o produto que você trouxe pra gente relaxa e alivia qualquer tensão?”

A pedido de um cliente do boteco, Anastácia mudou o canal da tevê para outro canal, um que transmitia uma partida de futebol.

E *ali* foi acolá e acolá foi *ali*.

Ali, no contexto em que Amapola estava prestes a gozar, prostituta e cliente escutaram um clique.

Foi só o que deu para escutar.

A picape explodiu.

Uma detonação que foi sentida, vista e escutada a quilômetros e quilômetros de distância.

Um flash brilhante cortou a escuridão assim que um dispositivo implantado sob o veículo foi acionado.

Um estalo agudo pariu um estrondo ensurdecedor.

A imensa F-Maxx foi lançada para o alto em um arrebatamento infernal de chamas e destroços. O ar noturno deslocou-se preenchido com o cheiro de combustível queimado e fumaça, enquanto os destroços da picape voavam para todos os lados. O fogo consumiu rapidamente o veículo e os corpos de Ampola e Arlindo. Chamas dançaram sobre as copas das árvores do parque. Uma chuva de devastação incandescente.

Caos.

Pedaços retorcidos de metal por todos os lados.

Chamas se espalhando com fúria.

Uma cratera no estacionamento.

Subterrâneo dos vivos: quatro olhos, quatro ouvidos, dois narizes, duas línguas, peles, quatro mamas, duas próteses de silicone, amígdalas, timos, baços, vasos linfáticos, linfonodos, testículos, pâncreas, glândulas adrenais, tireoides, paratireoides, pineais, pituitárias, cérebros, nervos, medulas espinhais. Da

boca, corações: vasos sanguíneos: artérias, veias, capilares, dois pênis, uma prótese peniana, uretras, próstatas, vesículas seminais, ductos deferentes, epidídimos, quatro testículos, bexigas, ureteres, rins, pulmões, brônquios e bronquíolos, traqueias, laringes, faringes, cavidades nasais, duas línguas, dentes, glândulas salivares. A morte dançando estômagos: intestinos delgados e grossos, fígados, vesículas, retos e canais anais. Do pé: sessenta e seis ossos das colunas vertebrais, catorze vértebras cervicais, vinte e quatro vértebras torácicas, dez vértebras lombares, dez vértebras sacrais, oito vértebras coccígeas, cinquenta ossos torácicos, dois esternos e quarenta e oito costelas, quatro clavículas, quatro escápulas, quatro úmeros, quatro ulnas, quatro rádios, trinta e dois ossos carpais, vinte metacarpos, cinquenta e seis falanges, dos ossos dos crânios e das mandíbulas: dois ossos frontais, quatro parietais, quatro temporais, dois occipitais, dois esfenoides, dois etmoides, quatro nasais, quatro maxilas, quatro lacrimais, quatro zigomáticos, quatro palatinos, quatro conchas nasais, dois vômeres e uma mandíbula: tudo pé. Menos a mandíbula de Arlindo, único fragmento orgânico que não foi incinerado pela

explosão.

Análise osteológica forense.

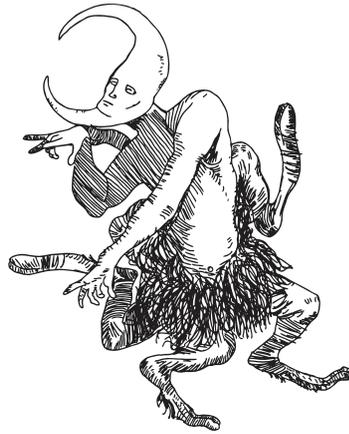
“Sim. O estado de preservação dos ossos é crucial para o sucesso da identificação. Não. Sim. Lógico. Ossos fragmentados, queimados ou com perda óssea significativa, sim, claro, podem dificultar a análise. É uma área complexa e desafiadora. Mas dispomos de profissionais extremamente qualificados, que utilizam técnicas científicas rigorosas para desvendar a identidade de indivíduos e contribuir para a investigação. Sim. Não resta dúvidas. A mandíbula é do vereador Arlindo Sebastiano. Bem, é isso. Obrigado a todos e todas, agora precisamos voltar ao trabalho.” Disse o delegado encarregado do caso à imprensa local.

De Amapola, nem os dentes: as formigas lava-pés levaram todos os seus pedaços humanos para a região mais profunda do formigueiro antes de a perícia da polícia chegar.

No ar,

corpo em combustão:

enterro
celestial.



**QUEM NÃO FALA
BRASILEIRO, PAGA**



“Per favore, non ucciderci. Paghiamo quello che vuoi?”, disse, desesperada, a mulher italiana.

“Sì, vogliono mangiare il culo di mia moglie. È tutto tuo! Ma per favore non uccidermi.” Gritou o italiano, jogando a própria esposa na direção dos sequestradores enquanto a utilizava como escudo humano.

Ao lado do casal de italianos, estavam os corpos mortos dos estadunidenses. Executados. Um tiro no coração. Dois tiros na cara. Estirados como espantalhos amarelos, com suas camisetas regatas estampadas com a bandeira do país de origem. As seis faixas brancas tingidas de colorado-sangue, sangue dos gringos ornando com as faixas vermelhas. As estrelas desunidas por mangas e golas rasgadas.

“Seus gringo feladaputas! Seus oreia de bacon!

Seus fudido! É bom ceis falar em português, caralho! Na nossa língua. Porra! Brasileiro!” Pregou um dos dois jovens.

Ambos apontavam armas para o casal de italianos.

Continuou:

“Que que ceis tava pensando... Só porque falam que nem uns porcos morrendo, acham que meu amigo aqui não ia flagrá a trolada de ceis com ele, é isso?”

“Porra! Não se mexe. Porra!”

“Dio mio!”

“Vai virar presunto que nem as putinha, aí. As putinha do tio Sam. Entendem? Isso vocês entendem, né. Ti-o Sa-am. Caralho de cabaços.”

“Dio mio!”

“Cala a boca, mulher desgraçada. Gringa porca suada!”

Dedos coçavam os gatilhos.

“Esses bostas acham que podem maltratar a gente, assim. Ó as ideia, maluco.”

“Dio mio... per favore!”

“Que *pe favôri* o quê! Caralho! Quem não fala a nossa língua, aqui, paga! Ah! Ah! Ah! Mas paga.”

Olhos dialogaram através do silêncio, uma escada íngreme e tortuosa feita de violências estruturais, mergulhadas em peles desviadas, inflamadas e repletas de

farpas dos cascos podres de navios negreiros.

Apenas um segundo de uma primeira dor.

Ou uma segunda dor de um primeiro segundo.

Antes de ser fabricada, a dor é desenvolvida com base no tipo de violência e no propósito do sistema ideológico. Nuvens de especificações que incluem o diâmetro do ser, comprimento do ego, peso na consciência e o tipo de matéria da dor. Os elementos básicos para a fabricação de uma dor são o chumbo do ódio e, eventualmente, outros sentimentos mais pesados como o antimônio da ignorância para aumentar a dureza da irracionalidade contida na dor. O chumbo do ódio derretido, purificado para remover as impurezas de conceitos vazios: como raça ou gênero. O chumbo do ódio liquefeito é despejado em moldes de dogmas, que são projetados para dar à dor sua forma medular. O tipo de dogma pode incluir vazios específicos para moldar um núcleo psicológico, se a dor for projetada de tal maneira. Após o despejo, o chumbo do ódio é resfriado para cristalizar, endurecer. Uma vez cristalizado, o núcleo psicológico é removido do dogma e inspecionado quanto a deficiências. Para dores enrustidas ou projetadas, o núcleo psicológico de chumbo

de ódio é inserido em uma camisa de ética, geralmente feita de dispositivos de poder. Isso é feito para aumentar a resistência da dor e melhorar sua capacidade de penetração no sistema vigente, seja ele político, econômico, ideológico e o que mais for de interesse. As dores encamisadas passam por uma coletividade repressora que aplica pressão para moldar a camisa ao redor do núcleo psicológico de chumbo do ódio. Algumas dores podem passar por um processo de sortilégios adicionais para melhorar sua resistência à corrosão provocada por meditação, autoconsciência ou independência afetiva. Cada dor é inspecionada religiosamente para garantir que esteja de acordo com as especificações do projeto de poder vigente. Defeitos como rachaduras no ego, deformidades nos comportamentos amorais ou falta de punção de morte são identificados e as dores não sentidas são descartadas. As dores aprovadas são embaladas e armazenadas nos corações dos mais distintos sujeitos. Por fim, as dores são distribuídas para sociedades, sujeitos e armas.

Os dedos que coçavam os gatilhos, apertaram os gatilhos.

Um, dois, três, quatro tiros.

Uma construção abandonada, um terreno inóspito.

Longe demais para se escutar alguma coisa.

Longe demais para presenciar alguma coisa.

De mais a menos, nem os pássaros voaram.

Outro coração perfurado, dois pulmões, uma das doze vértebras torácicas escangalhada pela bala disparada quando o quarto e último tiro traduziu-se em ação.

Armas foram limpas com os panos das camisetas, no intuito de remover indesejadas digitais.

Quatro corpos e duas armas.

Uma na mão de um estadunidense, identificado pela sua genitália como homem.

Outra arma nas mãos de uma italiana, identificada pela sua genitália como mulher.

Dores como aquelas canções populares, que nunca param de ser tocadas seja em rádios, aparelhos de som ou serviços de streaming.

A van disparou, cantando pneus.

Nenhum pássaro voou.

Nenhuma alma deixou o corpo.



**FANDANGO
BINÁRIO
RETRÓGRADO**



“Não te amarei um milhão de vezes”, disse a cafetina à buceta mais valiosa da sua casa de massagem.

“Buceta não. Cuceta.”

“Mulher que tem pau não tem bu, tem cu.”

Era o consenso da casa de massagem.

No saguão da casa:

“Amapola nunca mais apareceu.”

“Quem?”

“A bicha da Carvalho.”

“E eu sei lá de bicha da Carvalho? Meu negócio é sapatão. É pauceta.”

“Pauceta? Nunca ouvi falar.”

“É buceta geluda. Quando dura, ereta, vira um lindo pau. O pau mais lindo que alguém pode querer ver.”

“E você chupa?”

“Chupo e deixo me enrabar.”

“Você não presta.”

“E quem presta, nesse mundo?”

“Verdade.”

“*Trufi.*”

“Como é?”

“É como os americanos falam verdade na língua deles.”

“Sei.”

“*Trufi is nóte lai.*”

“Algum americano já te chupou, te lambeu?”

“Americana, sim. Americano, não.”

“Afe!”

“Afe, não. Assim ó, com a língua no céu da boca: *trufi.*”

“É *afe*, mesmo. De tédio. Ô conversa chata!”

“Entendi.”

“Entendeu é nada.”

—

Corta para uma sequência de parágrafos curtos de contrafluxo mental.

—

Refluxo mental.

Alienação parental.

Só esperava alguém aparecer. A primeira pessoa que dissesse que o colocaria em primeiro lugar, essa pessoa, essa, sim, seria a pessoa a quem ele devotaria sua vida. Ou a uma arma que o colocasse primeiro em sua mira, que seria a mesma coisa que o colocar em primeiro lugar.

Amor mata.

A morte ama.

A vulva não lutava para umedecer, apenas seguia o curso natural dos lábios.

Na calidez do caralho, do falo, da pica, do pinto, a língua encontrava a verdadeira raiz.

Cada ereção era uma brecha.

Nos orgasmos silenciosos, dizem, sente-se/ouve-se a língua do coração.

A boca do cego não se apegava ao gosto, apenas confiava nos folículos eretos das coxas da prostituta. Doença venérea se previa pelo cheiro.

Os grandes lábios da buceta são como um céu vasto, onde as nuvens púbicas vêm e vão. Vãos.

Intenções demais para descrever algo tão insólito como a queda de uma pedra.

Se uma criança vê um disco voador e o disco voa-

dor vê uma criança, a criança é um ATNI: anão terrestre não identificado.

Ele não gostava de estar em trânsito, mas em transe.

Apontou a arma.

Pisou no pedal.

Acionou o gatilho.

Encontrou o *dharma*.

Quem era ele, afinal?

Reles em reta final.

Trocadilhos, bacanal.

Era a lei do sacrifício de delito.

O sétimo ano. O desanço que foi para a terra.

O que nasceu por si mesmo.

Morrerá por si mesmo.

—

Reconnecta.

Zoom out.

Cena da casa de massagem.

—

“Isso... Nossa... Assim... Ah...”

Uma cabeça subia e descia entre as pernas da prostituta. Como se a cabeça dançasse uma espécie de fandango gaúcho, mas não o tradicional de compasso ternário, mas um de compasso binário.

De sobe e desce.

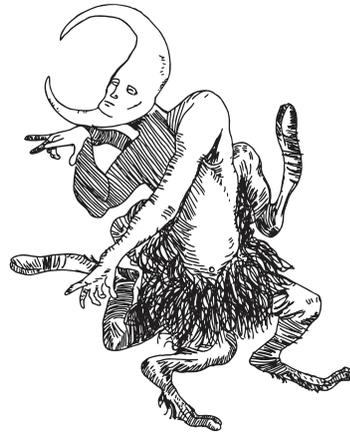
De entra e sai.

De lambe e suga.

De saliva e cospe.

“Realmente. Você sabe chupar uma buceta.”

“Is trufi mai d’ier.”



A CARA QUE O OUTRO TINHA



De um lado da rua, uma criança subitamente abandonada por sua mãe que a deixou sozinha na calçada e entrou na padaria para comprar cigarros.

Do outro lado da rua, um extraterrestre. Um alienígena disfarçado com roupas de uma senhora de idade: vestido estampado com rosas de vários tipos e cores: lenço vermelho, acetinado, cobrindo a cabeça ovalada e desprovida de cabelos: óculos escuros: bolsa da Louis Vuitton falsificada: não por trabalho escravo em fábricas clandestinas instaladas em países subdesenvolvidos: mas de fabricação astro-não-regularizada na cápsula de impressões 3D da Nave Mãe.

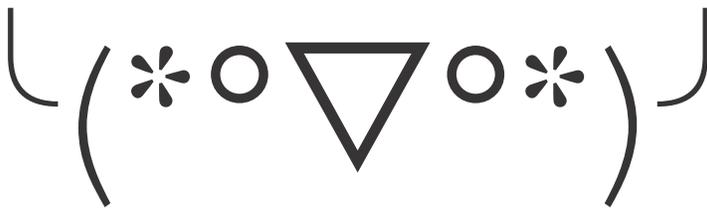
A Nave Mãe nunca saía para comprar cigarros.

A criança sorriu para o extraterrestre.

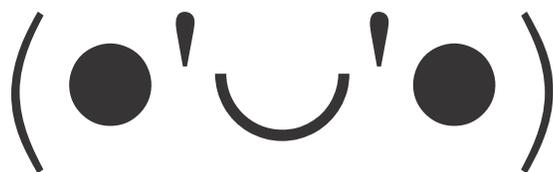
A senhora, ou o alienígena disfarçado de senhora

do outro lado da rua, removeu os óculos escuros e fez inúmeras caretas extra-planares para a criança.









(^ // // ^)



(0|0)

(0 5 0)



~ (> _ < o) \



A criança, encantada com a performance facial do alienígena, atravessou a rua.

No planeta Terra, carros voam sem sair do chão.

Aceleram.

Atiram-se, metafórica e literalmente, pelo asfalto.

Cem quilômetros por hora em vias de mão dupla com limite de trinta quilômetros por hora.

Mesmo carros inteligentes possuem falhas intencionais e, ao invés de frear: reduzir a velocidade – aceleram quando identificam crianças e/ou pessoas negras ou idosos.

Carros inteligentes.

Adultos inconsequentes.

Quantos quilos pesa uma criança de cinco anos?

Geralmente, uma criança de cinco anos pesa entre vinte e quatro e vinte e sete quilogramas.

Porém, colisão: choque: batida: tragédia: baque: pancada: crime: abalroação: impacto: contradição.

Um carro voando no asfalto fez uma criança voar pela primeira e última vez na vida.

Quando o carro atingiu o corpo de vinte e cinco quilos a cem quilômetros por hora, o extraterrestre apenas esboçou um sentimento de cálculo matemático:

Para calcular a força exercida pelo carro ao atingir o corpo de vinte e cinco quilos a cem quilômetros por hora, primeiro o alienígena precisou converter a velocidade para metros por segundo, já que a unidade de força é normalmente medida em *sil op od nair* *T*, aqui no planeta Terra conhecida como newtons.

Depois, ele utilizou a fórmula da quantidade de movimento para calcular a força.

Converteu cem quilômetros por hora para metros por segundo.

Multipliou a velocidade, que era de cem quilômetros por hora, por mil para convertê-la para metros por segundo. Então, dividiu o resultado por três mil e seiscentos para converter horas para segundos. Assim, cem quilômetros por hora eram o equivalente a vinte e sete vírgula setenta e oito metros por segundo.

Calculou a quantidade de movimento (momentum).

Obteve a quantidade de movimento multiplicando a massa pela velocidade.

No caso, a massa era de vinte e cinco quilogramas e a velocidade era de vinte e sete vírgula setenta e oito metros por segundo. Assim, a quantidade de movimento era igual a vinte e cinco quilogramas multiplicados por vinte e sete vírgula setenta e oito metros por segundo, resultando em aproximadamente seiscentos e noventa e quatro vírgula cinco quilogramas vezes metros por segundo.

A força, a taxa de mudança da quantidade de movimento, o extraterrestre calculou usando uma

fórmula específica, geneticamente cultivada por uma glândula identificada por sua espécie como *glândula intuitária*. Glândula localizada logo atrás da cavidade ocular esquerda.

A força era a taxa de mudança da quantidade de movimento ao longo do tempo. Sabendo que o impacto ocorreu em um tempo muito curto, quase instantâneo, o extraterrestre pôde usar a aproximação de que o tempo de impacto era de um segundo. Portanto, a força exercida era aproximadamente igual à quantidade de movimento, que era seiscentos e noventa e quatro vírgula cinco quilogramas vezes metros por segundo. Em um sentimento nada menos do que matemático, o estrangeiro interestelar concluiu que a força exercida pelo carro ao atingir o corpo da criança foi, talvez, aproximadamente, igual ao momentum, que, segundo seus sentimentos matemáticos, era cerca de seiscentos e noventa e quatro vírgula cinco *sil op od nair T* (ou newtons).

E, entre o tempo do acidente e o sentimento matemático, o corpo morto da criança, até então em voo elíptico, desabou sobre os braços do alienígena disfarçado de uma senhora mediana caminhando com sua bolsa Louis Vuitton falsificada.

O carro não desacelerou e continuou em disparada.

Segundos após o acidente, duas viaturas da polícia militar rasgaram o asfalto onde uma criança foi atropelada, com a mesma velocidade (ou mais) que o carro que ceifou a vida imatura.

Aborto tardio.

A criança e o alienígena desapareceram.

A mãe, após alguns meses de preocupação e busca, despreocupou-se.

Nunca avisou a polícia sobre o desaparecimento de seu filho.

Deu graças por se livrar de uma maternidade indesejada.

Alívio pós parto tardio.

O pai da criança bateu à sua porta.

O pai da criança era ele...

Era o...

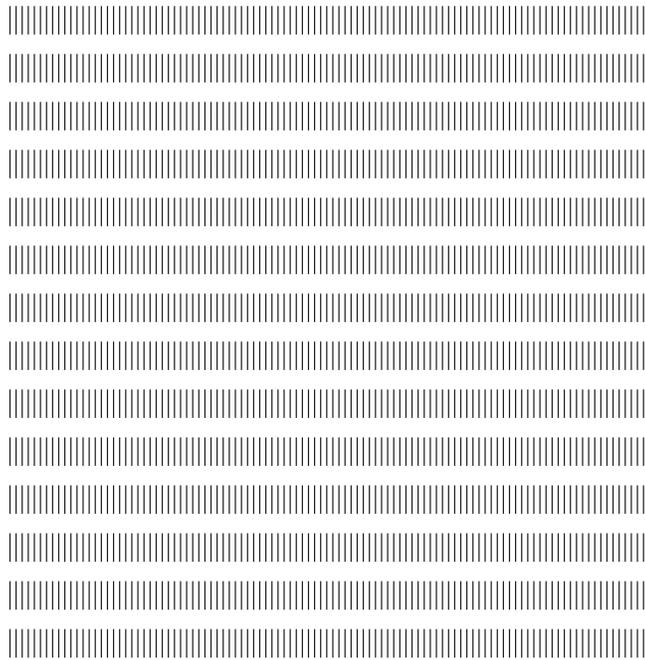
O.

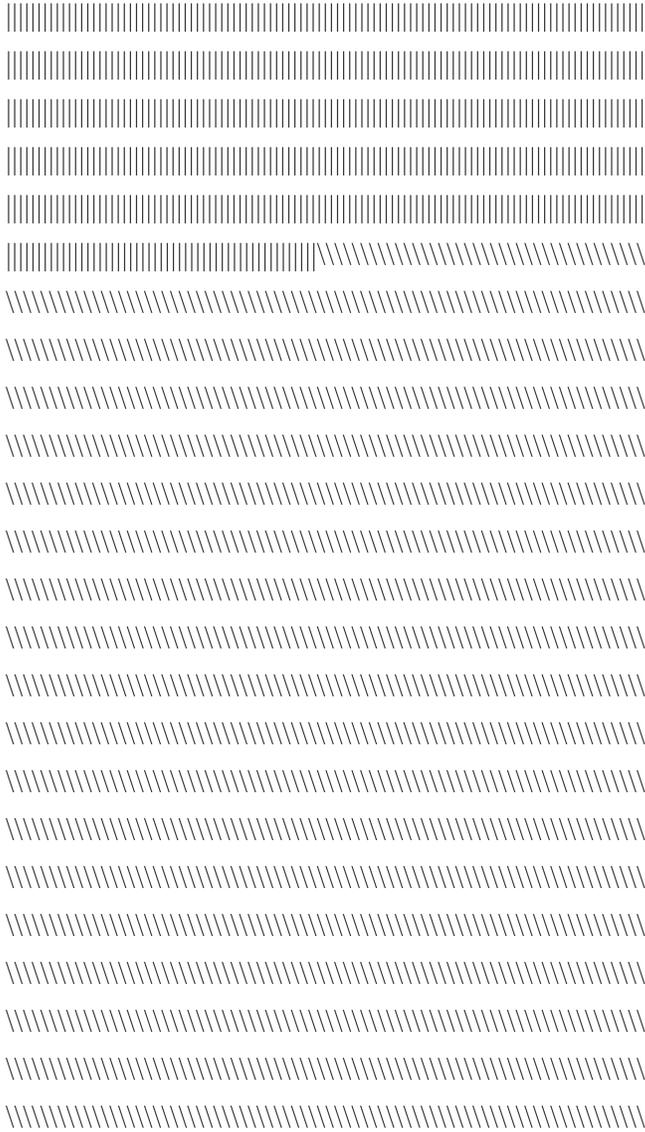


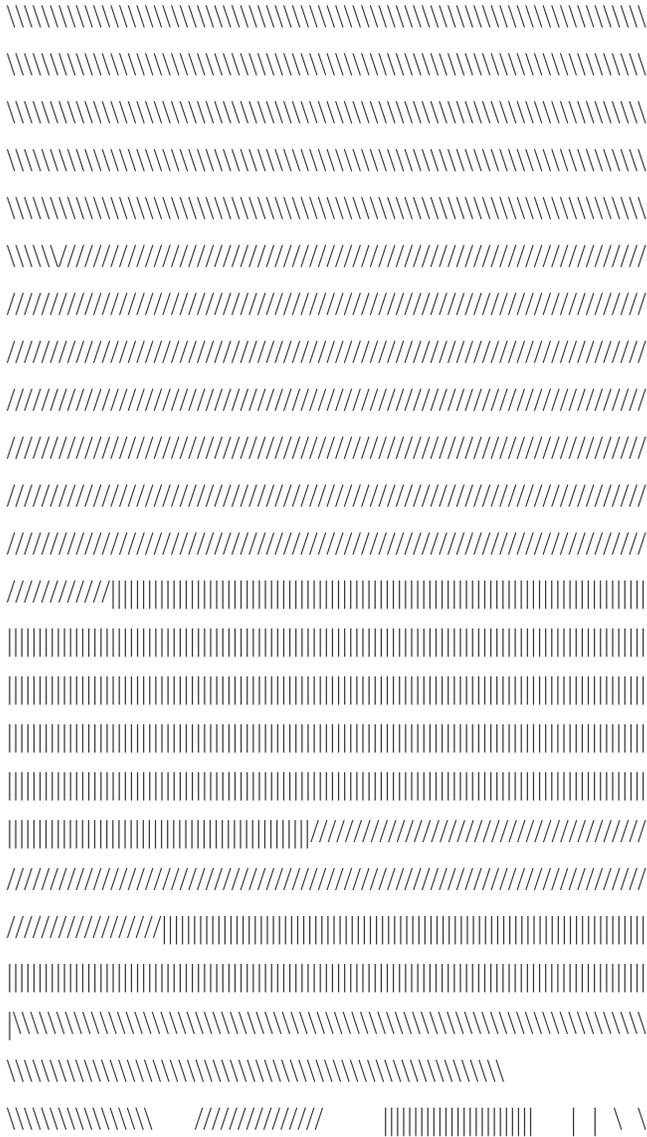
TEMPORAL



[som de trovões]

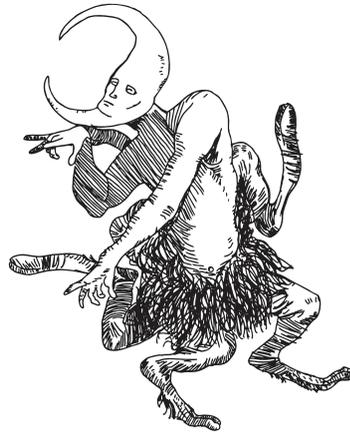






||| |||||||||||| \ \ \ \
 \ \
 \ \
 \ \ \ \ \ \
 \ \ \ \ \ \
 \ \ \ \ |
 ||| || |
 \ \ \
 \ \
 \
 \ \ \
 \ \ \
 \
 \ \ \ \
 \ \
 \ \

“Se o inferno são os outros, então eu sou o inferno de todos.” Disse, ao fim de um temporal, Cabeça de Lua Pelada.



**UM ROSTO
IDÊNTICO,
ERA OUTRO**



O rosto desfigurado por tanta porrada. A alma, se existia alguma alma naquele vaso quebrado de músculo e osso, almejando desencarnar antes que os nociceptores conjurassem a forma de uma serpente kundalini para escalar a medula espinhal com o intuito de pregar através das sinapses o evangelho da dor no templo da mente de Rogério: templo depredado e derrubado por uma assembleia popular ensandecida. Alma, composição imaterial de um ser vivo que perdura após o falecimento, era consciência caminhando para a inconsciência de um estado de espancamento público. A loucura como método: marca de lugar algum. A confusão e a traição de se ter o rosto muito parecido com o de um estuprador de crianças exposto em todos os jornais e noticiários da

região. Tanta porrada e mais, mais chute, mais coto-velada, e cuspe... O corpo prestes a virar argamassa para tapar os buracos daquela calçada de concreto invadida por ervas daninhas: gramas e tiriricas: braquiárias e dentes-de-leão. O que doía mais era quando o espancamento vinha assinado pelos golpes e acusações de rostos familiares: colegas de trabalho: amigos de infância: até o irmão mais novo.

“Eu sempre disse que você era dor de cabeça!”, disse o irmão de Rogério, antes de quebrar sua última costela flutuante intacta com um chute de pé direito.

Enquanto Rogério era lentamente e brutalmente assassinado pela turba desvairada, logo atrás do espetáculo neurastênico, em uma vitrine repleta de aparelhos de televisão, de uma dessas lojas de eletrodomésticos e eletrônicos, uma notícia era transmitida ao vivo pelas telas: de LED, AMOLED, OLED, microLED... todos os aparelhos ligados, porém, na função mudo:

O programa jornalístico O Povo na Tela, que entrava no ar com uma edição especial. A âncora, Luísa Costa, uma jornalista de expressão calma, porém firme, posicionou-se ao lado de um grande

telão ao fundo do cenário, que exibia as imagens transmitidas pela equipe de reportagem.

“Atenção, você que nos assiste. Estamos interrompendo nossa programação habitual para trazer uma cobertura importantíssima. Após meses de intensa investigação e busca, a polícia finalmente capturou um dos criminosos mais procurados da região, da nossa querida Capital, Aldebarã Carvalho. Acusado de múltiplos crimes, entre eles os de estupro, Carvalho foi preso nesta tarde e, neste exato momento, está sendo transferido da 1ª DP para o presídio.”

O telão atrás de Luísa mostrava imagens ao vivo da operação policial. A câmera tremia levemente, sugerindo que a equipe de campo do programa O Povo na Tela estava em movimento. Uma rua movimentada, com viaturas de polícia e sirenes piscando em um ritmo de frenesi cinematográfico. Policiais fortemente armados cercavam um veículo blindado onde Aldebarã Carvalho era conduzido. A multidão se aglomerava ao redor, alguns curiosos, outros expressando raiva e indignação.

A repórter de campo, Marina Souza, apareceu na tela, com o microfone em mãos, ao lado de um policial de alta patente. Marina vestia um colete à prova

de balas com o logotipo da emissora.

“Estamos aqui, ao vivo, acompanhando a prisão de Aldebarã Carvalho, acusado de uma série de crimes, entre eles o crime bárbaro de estupro de menores. Ao meu lado, o delegado responsável pela operação, Dr. Henrique Silverado. Delegado, doutor, poderia nos dizer como foi realizada essa captura?”

Close claustrofóbico no delegado.

O delegado, com uma expressão de seriedade e cansaço, respondeu:

“Foi uma operação complexa, que envolveu diversas unidades da polícia. Conseguimos localizar o delitoso através de uma denúncia anônima. Ele estava escondido em um sítio próximo ao Parque dos Poderes, mas não ofereceu resistência no momento da prisão.”

Enquanto o delegado discursava, as imagens alternavam entre a entrevista, o close claustrofóbico em sua cara e a movimentação ao redor do veículo blindado. Via-se Aldebarã Carvalho, um homem de meia-idade, com cabelo desgrenhado e olhar abatido, sendo escoltado por dois policiais. Suas mãos estavam algemadas à frente do corpo, e ele foi colocado no banco traseiro do veículo. As sirenes a ilumi-

nar a cena com flashes intermitentes de índigo-alucinógeno e purpúreo-violência.

De volta ao estúdio, Luísa retomou a palavra.

“E assim, mais um capítulo de justiça se desenrola. Continuaremos a acompanhar este caso de perto e traremos mais informações assim que estiverem disponíveis. Fiquem conosco para mais atualizações em O Povo na Tela.”

Nos televisores da vitrine, a imagem do veículo blindado partindo em direção à prisão, seguido de perto por várias viaturas, enquanto a multidão ao redor começava a se dispersar.

A multidão-turba-patrolha-anônima-familiar diante das imagens do verdadeiro estuprador capturado, ignorando insolitamente as imagens indicando o indivíduo-sujeito responsável pela violação de infantes, terminava de arrancar o último sopro de vida de Rogério: aquele que tinha o rosto idêntico ao do criminoso, mas era outro. Era um inocente.

Agora um ex-vivo.

ex vivo

aquele que ocorreu fora de um brutalismo.

Um experimento feito no tecido social de um sócia de um criminoso, sofrendo as alterações máximas de

condições artificiais de éticas e moralismos vazios, combinados a um punitivismo paleolítico.

Os mesmos punhos que encerraram a vida de Rogério, na semana seguinte, estariam empunhando bandeiras e cartazes contra a descriminalização do aborto e com citações bíblicas seguidas de jargões como “sou pró-vida”, “sou um cidadão de bem”.

Cabeça de Lua Pelada, assim que a noite caiu, saiu das trevas de um beco sem saída, caminhou até a massa disforme, que um dia foi o corpo de Rogério, um corpo anatomicamente aceitável pela mediocridade, e a puxou: carregou a massa disforme para dentro da caligem umbrática daquele beco repleto de preservativos usados, seringas puídas e ossos de pombas.

Uma pomba manca, doente, tentava inutilmente bater as asas e voar.

Um gato de rua pulou de um terraço para o outro, como um fantasma que sobrevoou o interstício do beco.

A luz da lua
recusou
mergulhar
ali.



O SORRISO DE EUCLIDES



O sorriso nunca foi sintoma de felicidade.

O sorriso sempre foi penitência.

A composição agostiniana da genuflexão dos lábios de seres humanos entorpecidos.

Uma paixão em três atos.

Primeiro ato:

Euclides começava o seu dia despertando como uma resposta aos estímulos externos, provenientes do som metálico do despertador. O despertar como uma emoção social. O homem pálido e gordo, de meia idade, processava o seu reflexo no espelho do banheiro.

Segundo ato:

O nervo facial de Euclides: craniano VII: não era ativado pelo seu sistema límbico deficiente. Os

dedos gordos das mãos importunavam os músculos faciais responsáveis pela expressão que os outros nomeavam sorriso. Com os dedos gordos e engordurados, Euclides elevava os cantos da boca. Com a ponta dos indicadores, Euclides puxava o lábio superior para cima. Euclides era ele todo o próprio músculo levantador do seu lábio superior. Com o resto da mão, Euclides ajustava a curvatura do sorriso. Sem conseguir contrair naturalmente os cantos laterais de sua boca, Euclides mordida sua língua até sangrar. Os olhos de Euclides não tinham pés de galinha ao redor, era apenas pele flácida dobrando sobre as pálpebras.

Terceiro ato:

Euclides inspirava fundo. Um sorriso assimétrico e artificial não era sinal de paixão. A intensidade e a amplitude da vida social de Euclides não dependiam apenas do sorriso dele, dependiam de coisas inexistentes e inconquistáveis para ele: tais como seu estado emocional, sua personalidade e seu contexto social. Euclides não passava de um osso maxilar, talvez um zigomático. Mas não oferecia nenhum suporte para alguém se interessar por ele, ou devolver um sorriso.

Assimetria sem a complexidade de um desfecho.

A paixão de Euclides era saber, e ele sabia, como ninguém mais o sabia, era compreender que nenhum sorriso era natural, genuíno.

Todo sorriso,
Inclusive o de Euclides,
Era fabricado.



A FUGA DE JURANDIR



Não havia Brasil para se despedir, mesmo assim o astronauta amador embarcou na nave que o levaria até O Guarani XXXIII, a primeira e a última estação espacial brasileira em órbita geoestacionária sobre a Linha do Equador.

Jurandir, guerrilheiro reformado, havia roubado a nave que o levaria para longe daquele planeta devastado. De um país inexistente.

Acionar os motores daquela espaçonave seria como dar a última facada no coração infartado de um moribundo.

O moribundo: o planeta Terra.

Mesmo assim, Jurandir deu partida. Acionou as turbinas e propulsores, calibrou o que tinha que calibrar no painel de comando e se lançou rumo ao espaço.

Jurandir estava em fuga.

Mas fuga de quê?

De quem?

Ninguém foge de si mesmo, pois está sempre se seguindo.

Jurandir sonhava com a estação espacial O Guaraní XXXIII desde pequeno. Era uma relíquia solitária: testemunha de uma era de ambição descontrolada. A estação espacial brasileira, batizada em homenagem ao espírito de resistência e identidade da cultura de povos indígenas que não existiam mais, flutuava como uma cicatriz no firmamento noturno. Construída durante o auge de um hipotético Brasil tecnologicamente independente e com aspirações interplanetárias, ela tornou-se o sonho último do astronauta amador.

Quando Jurandir acoplou a nave escamoteada à estação espacial, encontrou apenas um monumento fantasma, habitado por sombras e o som sibilante do ar reciclado por máquinas morrediças. Suas paredes externas estavam cobertas de micro impactos de detritos espaciais, como cicatrizes deixadas por um tempo que não perdoa.

Não havia vida ali.

E Jurandir não tinha como voltar. Os propelentes líquidos derivados do petróleo em uma mistura de hidrocarbonetos complexos, foram suficientes apenas para uma partida sem volta até a estação.

Em sua última rotação antes de perder energia para sempre, a estação espacial O Guarani XXXIII estava prestes a ver o nascer de um sol obscuro. Seu último ocupante, esquelético, esvaído e resignado ao destino, contemplou ou delirou uma criatura vindo em sua direção. A criatura parecia um humano com uma enorme cabeça no formato de lua. Vestia apenas uma espécie de saia indígena feita de fios de palha ou folhas de bananeira e nada mais. Em uma de suas mãos parecia estar segurando um pedaço de pão velho. Ou era uma pedra.

A criatura se aproximou e sussurrou ao pé do ouvido de Jurandir:

“O ser humano sempre serviu de pretexto para o massacre.”

Ao que Jurandir respondeu:

“No sol, meu amigo, não tem saudade.”



RESSURREIÇÃO



“A vida é a mãe do sofrimento.”

Um último disse.

Nos contornos de uma mesa de bar.

Tukumã tombou da crista de uma das incontáveis palmeiras imperiais espalhadas pelo Brasil, apesar de o Brasil não ser império há tempo, sem tento. Tempo considerável para ser esquecido por quem olha para a tela do aparelho celular da mesmíssima maneira distraída que os tupinambás um dia olharam para o reflexo columbino ilustrado no espelho da permuta, nada virginal, de um colonizador português degredado qualquer.

Tukumã caiu.

Assim, sem mais nem menos.

Caiu como uma sequência de Fibonacci. Caiu, porque asas não tinha. Sobre um telhado vulnerável, de telhas molhadas pela chuva capitalista tardia. Um telhado que espedaçou em uma telha, outra uma telha, outras duas telhas, outras três telhas, outras cinco telhas, outras oito telhas, outras treze telhas, vinte e uma telhas, trinta e quatro telhas, cinquenta e cinco telhas, oitenta e nove telhas... Telhas insuficientes e intermináveis para cumprir a tarefa não designada a elas, a de suportar o peso de um elemento consuetudinariamente nativo de uma narrativa pautada na doídice.

Tukumã perdeu a consciência com a queda, mas logo a recobrou. Acima de sua cabeça, a sombra da palmeira imperial sacudia. Ao seu redor, além das telhas partidas, paredes de alvenaria que compreendiam um cômodo a espargir um cheiro adocicado de canela em gotículas de ar que reprofundavam o líquido do corpo e encolhiam a ansiedade de quem botava os pés para dentro após as narinas e se estabelecia entre. Mais adiante, alguns portais e janelas de madeira. Estantes e gôndolas de aço altas formavam diversos corredores dentro de um enorme salão.

Tukumã já havia se levantado, sacudido a poeira

da roupa, esboçado um sorriso por não descobrir osso quebrado pela queda; e só não aprontou devidamente o sorriso por, talvez, um labirinto.

Um piso de taco incompleto carregava a desmemória de um passado inconcluso, mais do que uma abstração causada pelo constante ir e vir de pés e pesos díspares, variegados. Tão somente observadores escrupulosos tomariam nota do piso e seus tacos faltantes. Cada fresta e nódoa daquelas entranhas arquitetônicas compunham o que parecia ser uma loja de artesanatos.

Tukumã disse:

“Nasci de novo.”











© *Copyright* Leonardo Triandopolis Vieira, 2025.

1ª edição
Fevereiro, 2025

leoescreve.com.br

Revisão

Anny Santana Dantas

Edição e projeto

Leonardo Triandopolis Vieira

Arte interna

Leonardo Triandopolis Vieira

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

V657n Vieira, Leonardo Triandopolis, 1985-

No sol não tem saudade / Leonardo Triandopolis Vieira. – 1. ed. -
Campo Grande, MS : Não Sou Uma Editora, 2025.

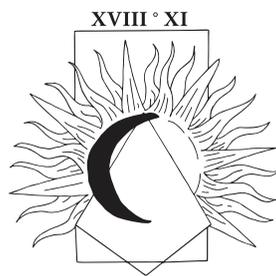
184 p. ; 16x23 cm.

ISBN 978-65-01-33225-3

1. Literatura Brasileira. 2. Romance. I. Título

CDD: B869.3

Bibliotecária responsável: Juliana Batista Ounap CRB 1/3147



ARTE INDEPENDENTE

composto em fontes
Sabon MT Std
&
Averia Serif Libre